

A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E SUAS IMPLICAÇÕES PARA A CRESCENTE FEMINIZAÇÃO DA EPIDEMIA DE HIV/AIDS

“Atrás da tua voz tão sufocada está um grito, que sonho mais bonito está oculto em seu olhar! A verdadeira força se esconde na fraqueza. A esperança é a certeza do dia novo que há de vir”.

(Rodolfo Gaede Neto)

Rogério Oliveira de Aguiar¹

RESUMO

O presente se propõe a abordar, de maneira muito sucinta, a difícil temática da violência doméstica como entrave ao trabalho de prevenção à AIDS entre mulheres. O principal intuito é mostrar que o sexismo é um fator de grande vulnerabilidade ao público feminino. Isso ocorre, de forma ainda mais destrutiva entre as mulheres com baixa renda e pouca escolaridade. As relações de gênero precisam ser revistas, dando lugar a novas relações baseadas principalmente em igualdade e respeito mútuo. A vulnerabilidade ao HIV/AIDS é revestida de uma série de fatores pessoais, coletivos e sociais, por isso, só poderá ser combatida levando em consideração o contexto em que as pessoas estão inseridas e as dificuldades apresentadas pelo entorno.

Palavras-chave: Sexismo, HIV/AIDS, Violência Doméstica.

A violência doméstica e a feminização da epidemia de HIV/AIDS.

O perfil das pessoas portadoras do vírus HIV² no Brasil, na década de 1980, era predominantemente masculino, bom nível socioeconômico, bom nível de escolaridade, homossexuais ou bissexuais, residentes em grandes centros urbanos como Rio e São Paulo. As pessoas usuárias de drogas injetáveis, os/as profissionais do sexo e aqueles/as que necessitavam de constantes transfusões de sangue como

¹ Mestrando em Teologia Prática na EST (Escola Superior de Teologia). Bolsista do Programa Estudos em Teologia e HIV/Aids na América Latina. Pesquisa o tema: A Práxis Diaconal como Resposta Cristã a Epidemia de HIV/Aids. Sob a orientação da professora Dra. Valburga Schmiedt Streck.

Endereço eletrônico: roaguiar2005@yahoo.com.br

² O Vírus da Imunodeficiência Humana, conhecido como HIV (sigla originada do inglês: Human Immunodeficiency Virus), é um vírus pertencente à classe dos retrovírus e causador da aids. A aids é uma doença que se manifesta após a infecção do organismo humano pelo Vírus da Imunodeficiência Humana, mais conhecido como HIV.

é o caso das pessoas hemofílicas eram erroneamente classificados como “grupos de risco”.

Na década de 1990, constata-se uma drástica mudança no perfil das pessoas que contraíam o vírus do HIV. Houve uma heterossexualização na transmissão, aumentando significativamente o número de casos entre mulheres e homens heterossexuais, pobres e de cidades do interior. A AIDS não estava mais restrita aos “grupos de risco” como a maioria das pessoas imaginava. Os casos de contágio pelo vírus cresceram consideravelmente entre as **mulheres**. Sobre isso, Ângela Hexel afirma:

A mulher é vulnerável por ainda acreditar que a doença ocorre apenas entre usuários de drogas e homossexuais e também muitas vezes porque não consegue fazer com que seu marido ou parceiro use camisinha durante as relações sexuais...A desinformação referente aos modos de transmissão da doença leva ainda hoje muitas pessoas a acharem que não sendo usuárias de drogas, nem homossexuais, não correm o risco do contágio.³

Essa concepção equivocada coloca as mulheres em uma situação de vulnerabilidade. Ao acreditarem que o fato de serem mulheres heterossexuais, casadas ou com parceiro fixo, pertencentes a algum grupo religioso, guardadoras da moral e dos bons costumes, faz com que estejam imunes ao contágio pelo vírus HIV. Essa desinformação traz sérios prejuízos para a discussão de assuntos como sexualidade, prevenção e tratamento.

As estimativas são de que aproximadamente 630 mil pessoas vivam com HIV/Aids no Brasil, sendo 35 mil novos casos por ano.⁴ Entre adolescentes e jovens a propagação da doença requer uma atenção especial, pois, justamente nessa faixa etária o número de meninas infectadas pelo vírus supera o número de meninos.⁵

Em relação aos casos de violência doméstica, não se tem **dados estatísticos exatos** sobre o número de mulheres vítimas desse tipo de violência. Na maioria dos casos, a denúncia não é feita e as agressões ficam no anonimato. Isso se deve ao fato de que as mulheres vítimas de violência, enxergam com

³ Fonte: Boletim Fonte Colombo – Julho/2002 – ANO III – n 7.

⁴ Disponível através do link: <http://sistemas.aids.gov.br/feminizacao/index.php?q=dados-sobre-feminiza%C3%A7%C3%A3o-da-epidemia-de-aids-e-outras-dst#nacional> acessado em 24 de Abril de 2012.

⁵ Disponível através do link: <http://conversadem menina.wordpress.com/2010/02/13/uma-conversa-sobre-aids-carnaval-e-juventude/> acessado em 29 de julho de 2012.

desconfiança os serviços de segurança pública, têm medo de represália por parte do parceiro, procuram evitar a exposição pública, dependem financeiramente do marido e muitas vezes a falta de apoio da família e do grupo religioso do qual fazem parte desestimulam essas mulheres a buscarem ajuda e denunciarem o agressor.⁶

As relações de gênero enquanto construções sociais precisam ser revistas. Segundo a teóloga feminista Wanda Deifelt: “A submissão das mulheres, a confiança que elas depositam em seus parceiros, a insegurança em pedir que parceiro use camisinha, a suposta disponibilidade sexual das mulheres aos homens estão entre as razões apontadas por uma análise de gênero ao crescimento da Aids entre mulheres”.⁷

A chamada feminização do HIV, não é algo aleatório. As relações que envolvem submissão das mulheres aos seus parceiros, as deixam em uma situação de grande vulnerabilidade. Mulheres que são vítimas de violência doméstica, normalmente têm dificuldade em negociar métodos preventivos como o uso do preservativo. Quando realizam o exame e se descobrem HIV positivas, essas mulheres começam a levantar questionamentos sobre o seu papel como mulher, esposa, mãe e cidadã. Os valores morais instituídos pela sociedade já não são suficientes para responder a todas as perguntas.⁸

Em uma sociedade fortemente patriarcal,⁹ as construções sociais são muito eficazes na domesticação das minorias sexuais. Os papéis pré-estabelecidos indicam o lugar de cada indivíduo de acordo com o sexo, grupo étnico, classe social ou crença religiosa. Sobre isso, Eggert afirma: “A construção social da supremacia masculina exige a construção social da subordinação feminina [...] São estas e

⁶ Disponível através do link:

http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278280957_ARQUIVO_RosaneTeixeiradesiqueiraeOliveira.pdf acessado em 25 de Abril de 2012.

⁷ DEIFELT, Wanda. *Gênero e Aids: o desafio das mulheres diante da pandemia do HIV*. In: Igreja e Aids: Presença e Resposta. Porto Alegre: Pastoral da Aids/CNBB, 2004, p.41.

⁸ OROZCO, Yury Puello. *Mulheres, Aids e Religião*. São Paulo: Cadernos: católicas pelo direito de decidir n 10, 2002, p.56.

⁹ Por patriarcado compreende-se o poder que os homens exercem sobre as mulheres historicamente. O termo em sua origem significa poder dos pais, e remete a uma organização social onde o homem é dono, proprietário e senhor de um sistema familiar, social e político.

outras tantas questões, repetidas no cotidiano, que configuram as mulheres como guardadoras de uma masculinidade triunfante”.¹⁰

A chamada “educação sexista”¹¹ dificulta o trabalho de prevenção ao HIV/AIDS entre o público feminino, uma vez que a mulher não possui autonomia sobre o seu próprio corpo. As consequências desse tipo de relação podem ser catastróficas na medida em que, sendo a mulher e os/as filhos/as entendidos como meros objetos, a eles/as é negado o direito a liberdade e a individualidade. Muitas vezes são vítimas de manipulação, agressão e violência sexual.

Resgate da dignidade humana: algo possível, urgente e necessário.

A falta de perspectiva, a violência dentro do próprio lar, falta de diálogo e as agressões constantes tornam as mulheres e crianças mais vulneráveis ao contágio pelo vírus do HIV e outras Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST). Segundo José Bernardi: “É importante ampliar a luta para que a dignidade humana seja respeitada, para que os direitos fundamentais da pessoa sejam garantidos, para que a mulher tenha cidadania em casa e na rua, para que a mulher seja empoderada de seu corpo e seus direitos”.¹² A questão apontada por Bernardi transcende o espaço doméstico e tem consequências mais amplas. A negação da dignidade humana, associada ao sexismo e ausência das necessidades mais básicas, constituem fatores de grande vulnerabilidade para toda a população, mas, de forma muito mais destrutiva para as **mulheres pobres**.

Não podemos dissociar questões culturais, sociais e de gênero do avanço da epidemia de AIDS. “O rosto da AIDS hoje, no mundo, é pobre, negro e está se tornando cada vez mais feminino. O crescimento da AIDS entre as mulheres é uma das características da pandemia na atualidade”.¹³ Esse modelo de patriarcado é problemático na medida em que se torna um entrave à realização de uma sociedade mais justa e igualitária. Além de ser um empecilho ao trabalho de prevenção ao HIV

¹⁰ EGGERT, Edla. *Narrar Processos: Tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2009, p. 30.

¹¹ Por sexismo podemos classificar comportamentos ideológicos que oprimem e marginalizam grupos em consequência do sexo.

¹² BERNARDI, José. *Os Desafios Pastorais da Aids*. In: *Viu e teve compaixão: Igreja e Aids*. Porto Alegre: Pastoral da Aids/CNBB, 2005, p.48.

¹³ DEIFELT, 2004, p.36.

entre as mulheres. “Sem realizar mudanças na estrutura da sociedade, nas relações de poder que submetem certas populações a uma maior vulnerabilidade (ao mesmo tempo em que protege outras) não teremos sucesso no controle da epidemia”.¹⁴ É na religiosidade, no exercício da cidadania, na democracia e no respeito mútuo entre homens e mulheres que se encontra o segredo para uma sociedade mais digna, solidária e verdadeiramente igualitária.

REFERÊNCIAS

BERNARDI, José. *Os Desafios Pastorais da Aids*. In: *Viu e teve compaixão: Igreja e Aids*. Porto Alegre: Pastoral da Aids/CNBB, 2005.

DEIFELT, Wanda. *Gênero e Aids: o desafio das mulheres diante da pandemia do HIV*. In: *Igreja e Aids: Presença e Resposta*. Porto Alegre: Pastoral da Aids/CNBB, 2004.

EGGERT, Edla. *Narrar Processos: Tramas da violência doméstica e possibilidades para a educação*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2009.

OROZCO, Yury Puello. *Mulheres, Aids e Religião*. São Paulo: Cadernos: católicas pelo direito de decidir n 10, 2002.

SUDBRACK, Mirtha Sendic. *Problematizando a Vulnerabilidade Social*. In: *Vulnerabilidade Social e Aids*. Porto Alegre: UNESCO, Pastoral da Aids/CNBB, 2005.

http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278280957_ARQUIVO_RosaneTeixeiradesiqueiraeOliveira.pdf

<http://sistemas.aids.gov.br/feminizacao/index.php?q=dados-sobre-feminiza%C3%A7%C3%A3o-da-epidemia-de-aids-e-outras-dst#nacional>

¹⁴ SUDBRACK, Mirtha Sendic. *Problematizando a Vulnerabilidade Social*. In: *Vulnerabilidade Social e Aids*. Porto Alegre: UNESCO, Pastoral da Aids/CNBB, 2005, p. 52.